

PESQUISA COM CRIANÇAS: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DE ENTREVISTAS COM CRIANÇAS PRÉ- ESCOLARES EM MANAUS-AM

*RESEARCH WITH CHILDREN: SOME
REFLECTIONS ON EARLY CHILDHOOD
EDUCATION FROM INTERVIEWS WITH
PRESCHOOL CHILDREN IN MANAUS-
AM*

Ilaine Inês Both 1
Michelle de Freitas Bissoli 2
Márcio de Oliveira 3

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Amazonas, 1
Licenciada em Pedagogia e Mestre em Educação pela Universidade de Passo
Fundo (UPF). Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade
Federal do Amazonas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6659627162111294>, ORCID:
<https://orcid.org/0000-0003-1673-5872>, e-mail: laineines@yahoo.com.br.

Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/ 2
Marília), Licenciada em Pedagogia e Mestre em Educação pela mesma
Universidade. Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade
Federal do Amazonas (UFAM). Docente do Programa de Pós-Graduação em
Educação da UFAM. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8731672923902328>, ORCID:
<https://orcid.org/0000-0002-2570-4392>, e-mail: mibissoli@yahoo.com.br.

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de 3
Maringá (UEM). Licenciado em Pedagogia e Mestre em Educação pela UEM.
Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Docente
do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAM. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2808188859997677>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4706-2930>,
e-mail: márcio.1808@hotmail.com.

Resumo: É indiscutível que as crianças são agentes sociais e donas de um protagonismo ímpar nas relações humanas. Com base nesse pressuposto, estudos e práticas que defendem a pesquisa com crianças de pouca idade vêm crescendo, no Brasil, desafiando os pesquisadores em Educação a novas reflexões. O presente manuscrito tem por objetivo fazer apontamentos referentes à pesquisa com crianças, destacando as suas especificidades a partir de uma investigação de base qualitativa que teve a observação participativa e a entrevista com crianças de quatro anos de idade em uma pré-escola pública da cidade de Manaus-AM, mediada pela utilização de um boneco criado com base em atividades com a turma, como alguns de seus procedimentos. Os resultados da investigação realizada, analisados sob a luz do referencial histórico-cultural, contribuem para se pensar sobre a necessidade de dar voz às crianças e de perceber a sua perspectiva a respeito dos fenômenos educativos que as envolvem. Conclui-se que o universo infantil é plural e que as especificidades das crianças de pouca idade e as condições concretas de vida e de educação sob as quais vivem suas infâncias devem ser consideradas no processo de construção do conhecimento acerca das mesmas.

Palavras-chave: Educação Infantil. Protagonismo Infantil. Pesquisa com crianças.

Abstract: It is unquestionable that children are social agents and play a key role in human relations. Based on this assumption, studies and practices that defend research with young children have been growing in Brazil, challenging researchers in Education to new reflections. This manuscript aims to make observations on research made with children, highlighting its specificities from a qualitative-based research, that had the participatory observation and interview with four-year-old children from a public pre-school in the city of Manaus-AM, mediated by the use of a doll which was made based on activities with the class, as some of its procedures. The results of the investigation, analyzed in the light of the historical-cultural referential, contribute to make us think about the need to give children a voice and to perceive their perspective regarding the educational phenomena that involve them. It is concluded that the children's universe is plural and that the specificities of young children and the concrete living and educational conditions under which they spend their childhoods should be considered in the process of building knowledge about them.

Keywords: Early childhood education. Child's Role. Research with children.

Para iniciar o diálogo sobre a pesquisa com crianças

Refletir sobre a pesquisa com crianças faz emergir a necessidade de focalizar diferentes desafios que nos envolvem como pesquisadores(as) da área da Educação. Trata-se de pensar o processo de conceituação de um fenômeno sócio histórico, marcado pelo movimento e pela contradição próprias do humano, com base em um quadro de referências epistemológico e em um conjunto de valores e compromissos ético-políticos com a humanização das pessoas (SEVERINO, 2019) e, especialmente, das crianças.

A pesquisa e a elaboração de conhecimentos sobre os fenômenos educativos, que dela decorre, se apresentam como uma construção que não se assenta sobre certezas, mas que se consolida no caminho no qual o(a) pesquisador(a) se coloca ao se debruçar sobre um dado problema e nas relações que estabelece com a realidade e com os sujeitos com quem atua (GHEDIN; FRANCO, 2008). Lidamos, nesse processo, com a dialética entre a ciência e a existência (PINTO, 1969), buscando formas de refletir metodicamente sobre o processo vivido. E, para tanto, é preciso romper com as ideias de linearidade, previsibilidade e controle, embora isso não nos autorize a descurar do rigor científico, da consistência teórico-metodológica e da plausibilidade que devem caracterizar todo trabalho de pesquisa (GHEDIN; FRANCO, 2008). Se é fato que essas exigências revelam a complexidade de pesquisar em Educação, quando esta pesquisa tem como participantes as crianças, novas e mais profundas reflexões são de nós requeridas.

Embora abranjam aspectos éticos comuns a todas as pesquisas envolvendo seres humanos – nas palavras de Severino (2019), implicando dois elementos essenciais do compromisso ético-político com as pessoas: a alteridade e a dignidade humana –, as pesquisas com crianças se diferenciam à medida que meninos e meninas possuem características específicas que precisam ser levadas em consideração (CRUZ, 2019).

Pesquisar com as crianças exige, pois, percebê-las, valorizá-las, dar-lhes voz. Mas o que isso significa? Que implicações o “dar voz” às crianças tem sobre a sua existência como sujeitos? Como a pesquisa pode contribuir para o seu processo de humanização (LEONTIEV, 2004) ou de apropriação das capacidades especificamente humanas que estão incrustadas nos objetos da cultura material e simbólica que as rodeiam?

James (2019), ao discutir como os debates antropológicos da década de 1980 podem trazer luzes para os estudos contemporâneos da(s) infância(s), nos ajuda a refletir sobre o fato de que, embora as pesquisas com crianças tenham se ampliado e apesar de o discurso sobre a valorização dos dizeres das crianças ser praticamente um consenso nas Ciências Sociais, hoje, é preciso atentar para o fato de que

[...] dar voz às crianças não é simplesmente ou apenas deixar as crianças falarem; trata-se de explorar a contribuição única que as perspectivas das crianças podem proporcionar à nossa compreensão e teorização acerca do mundo social. (JAMES, 2019, p. 221).

Isso requer atentar para alguns problemas a superar, que o autor destaca em suas reflexões: as questões de autenticidade das falas das crianças; o conceito de infância que subjaz nos trabalhos; a natureza da participação das crianças na pesquisa.

Nesse sentido, é preciso estarmos atentos(as) para que a tradução, a interpretação e a mediação que os(as) pesquisadores(as) fazem das falas das crianças nas pesquisas potencializem seus interesses autênticos, suas vozes, seus problemas e que não sejam empregados simplesmente “[...] para confirmar preconceitos estabelecidos, ao invés de apresentarem novas ideias, com base nas próprias perspectivas das crianças como atores sociais” (JAMES, 2019, p. 222). Isso significa um cuidado com a dignidade humana das crianças, com a alteridade, que se opõe ao uso das palavras por elas proferidas como ilustrativas dos argumentos e pontos de vista dos(as) adultos(as), dissociadas de seu contexto e de sua historicidade.

Outra questão a que o autor nos adverte é a de que é preciso cuidar para que as vozes

das crianças não sejam indiferenciadas, independentemente das condições de classe ou cultura, vida e Educação a que estão submetidas. Embora integrem um grupo geracional, crianças são indivíduos imersos em relações sociais que os singularizam e isso precisa ser revelado pelas pesquisas, superando a perspectiva desenvolvimentista da criança, que a vislumbra sob as lentes dos padrões ditados por uma Psicologia do Desenvolvimento de caráter biologicista e uniformizador. Lidamos com crianças e infâncias, necessariamente, no plural.

Esse cuidado nos remete diretamente ao terceiro aspecto ressaltado por James (2019), que diz respeito à necessária postura crítica do(a) pesquisador(a) quanto às relações de poder envolvidas na interação pesquisador(a)-pesquisado(a), especialmente quando se trata de crianças-sujeito. Como as crianças estão sendo incluídas nas pesquisas? Que posição assumem: a de meros informantes ou a de pessoas que revelam seus desejos e necessidades? Como os procedimentos e técnicas permitem que suas posições sejam respeitadas, ouvidas, valorizadas? Conforme Passeggi et. al. (2014, p. 86): “[...] realizar o que hoje compreendemos por “pesquisa com crianças” implica novas questões epistemológicas, éticas e de métodos, desde a concepção do projeto até a publicação de seus achados.”

Partindo desse panorama reflexivo, este manuscrito se alinha à necessidade de alargar os estudos referentes à pesquisa com as crianças pequenas, sobretudo a partir da ideia de que esse sujeito é protagonista, também, de sua existência. Trata-se da manifestação de uma postura ético-política em relação às crianças e suas infâncias, a quem cabe à pesquisa compreender. E essa compreensão irmana-se com a necessidade de lutar por seus direitos, por suas vozes, por sua visibilidade como um outro que tem valor e participação social.

Falar em infância(s) e em pesquisas que tomem as crianças como sujeitos significa, pois, conhecer as representações construídas socialmente acerca da condição infantil, superando mitificações e considerando a sua concreticidade, visto que as crianças são, ao lado dos(as) adultos(as), produtoras da história.

A partir desse cenário, o presente artigo tem por objetivo discutir alguns apontamentos acerca da pesquisa com crianças pequenas, enfatizando as suas especificidades. É importante ressaltar que parte das discussões apresentadas neste texto compõe a Tese de Doutorado de uma das autoras deste manuscrito (BOTH, 2016). Para a organização deste material, diferentes autores(as) e ideias dialogaram com os dados da pesquisa realizada, a fim de dar corpo e forma à produção.

Nesse sentido, destacamos também neste artigo os procedimentos metodológicos que permitiram conhecer como as crianças da pré-escola investigada percebiam a escola de Educação Infantil e as vivências que aconteciam nesse espaço educativo.

Nosso texto se organiza em duas seções: em um primeiro momento, discutiremos a necessidade de “dar voz às crianças” nas pesquisas; em um segundo momento, descreveremos nossos procedimentos metodológicos na pesquisa com crianças de quatro anos de idade, matriculadas em uma instituição pública escolar de Manaus/AM em 2014, seguindo para nossas considerações finais.

“Dar voz às crianças”: a pesquisa com os(as) pequenos(as)

A presença de crianças na pesquisa científica não é algo recente nem inédito (CAMPOS, 2008; SOUZA, 2010). Entretanto, pesquisas em que as crianças são protagonistas ainda são escassas, exigindo de nós, pesquisadores(as) da área da Educação, um aprofundamento progressivo de estudos.

Para Campos (2008, p. 35-36), “[...] o que talvez possa ser considerado recente seja [...] a condição em que a criança toma parte na investigação científica”, o que entendemos como desafiador e inovador. Nessa linha de raciocínio, Cruz (2010, p. 11) assevera que “[...] o que é inovador é o aumento na produção científica que toma crianças como sujeitos, não para avaliá-las ou definir alguma de suas peculiaridades, mas para conhecer o que elas pensam e sentem sobre temas que lhe dizem respeito”.

Um desafio contemporâneo – dentre muitos outros – para a pesquisa com crianças, apresentado por James (2019, p. 224), é que existe uma linha tênue entre “[...] apresentar os relatos das crianças sobre o mundo e assumirem-se como capazes de ver o mundo a partir da

perspectiva da criança como um novo tipo de “verdade””. Destarte, é fundamental que os(as) adultos(as) pesquisadores(as) ‘mergulhem’ na perspectiva infantil, compreendendo sua percepção, em vez de apenas relatar o que as crianças oferecem para o campo dos estudos sobre a(s) infância(s).

Assim, considerar a criança como produtora social e cultural é uma atitude cada vez mais necessária na produção de conhecimento sobre a(s) infância(s) e sobre sua Educação, haja vista que o protagonismo infantil na pesquisa pode contribuir para que possamos compreender as especificidades da(s) criança(s) em cada tempo e espaço, sua historicidade, sua participação nos fenômenos sociais, suas necessidades e desejos.

Ora, as crianças possuem uma forma própria de se relacionar com o mundo e com as pessoas. Possuem peculiaridades no modo como pensam e compreendem a realidade e, mais especificamente, a pesquisa e, como asseveram Kramer e Pena (2019), são vulneráveis. Isso significa dizer que podem ter dificuldades para tomar decisões que envolvem a sua participação na pesquisa e para opor resistência ao que lhes é sugerido; que podem se sentir coagidas e, embora possam assumir atitudes transgressoras – não respondendo ao que se lhes pergunta; chorando na presença do(a) pesquisador(a), por exemplo –, nem sempre o que manifestam é interpretado pelos(as) adultos(as) como uma recusa à participação previamente autorizada por seus/suas responsáveis e assentida por elas.

Se essa vulnerabilidade pode ser atribuída às características etárias, é importante mencionar que outros fatores podem aprofundá-la: as condições sociais em que as crianças vivem e são educadas, as desigualdades que separam as realidades vividas por pesquisador(a) e pesquisados(as), os preconceitos em relação à religião, gênero, etnia, classe social sofridos. Com a intenção de que a pesquisa possa alinhar-se com os ideais de superação das relações de poder marcadas pela subordinação daqueles(as) que se encontram vulneráveis a quem se coloca na condição de pesquisador(a), é preciso que o cuidado seja o eixo norteador para lidar com as vulnerabilidades das crianças e que, nesse mesmo caminho, a aproximação, a disponibilidade para a escuta, a empatia e o acolhimento das fragilidades componham a estratégia metodológica dos encontros entre adultos(as) e crianças (KRAMER, PENA, 2019).

As assertivas de Campos (2008) e Cruz (2010) nos chamam a atenção, ainda, para o fato de que os procedimentos metodológicos e técnicas de pesquisa adotadas nas investigações envolvendo crianças é que materializam as possibilidades de que esses sujeitos protagonizem o processo e que sejam visibilizados. Procedimentos e técnicas que considerem as especificidades das crianças e suas condições concretas de existência contribuem para o estabelecimento de relações marcadas pela reciprocidade e não pela hierarquia entre pesquisador(a) e pesquisados(as). É preciso, pois, superar as pesquisas “[...] *sobre* crianças e não *com* crianças” (CRUZ, 2008, p. 12, grifo da autora), ainda que as tenham como informantes.

Cientes da importância de realizar a pesquisa com crianças pequenas por meio de “[...] um trabalho metodológico árduo de aproximação com o seu universo, seus interesses, sua forma de pensar e viver uma situação muito peculiar do desenvolvimento e aprendizagem humanos” (SOUZA, 2010, p. 9), iniciamos nossa pesquisa com uma turma da pré-escola, formada por crianças de quatro anos de idade. Nosso esforço maior foi o de utilizar procedimentos metodológicos e técnicas de pesquisa que nos aproximassem delas no espaço escolar, ao mesmo tempo em que propiciassem a mediação de elementos culturais que as ajudassem a se manifestar sobre questões da escola (SILVEIRA, 2005), favorecendo vivências significativas.

Compreendemos, com base em Vigotski (2018, p. 75), que “[...] a vivência de uma situação qualquer, de um componente qualquer do meio define como será a influência dessa situação ou meio sobre a criança”. Isso significa que a forma como “[...] ela toma consciência, atribui sentido e se relaciona afetivamente com um determinado acontecimento [...] [é] o “prisma” que define o papel do meio no desenvolvimento do caráter da criança, no seu desenvolvimento psicológico e assim por diante” (VIGOTSKI, 2018, p. 77). Isso, naturalmente, nos adverte de que o modo como conduzimos os diálogos com as crianças, as situações que produzimos para que elas se expressem devem, sempre, envolvê-las integralmente, para que se sintam partícipes do processo, confiantes e seguras.

A observação participativa e a entrevista foram nossos principais procedimentos em

relação às crianças. Considerando as peculiaridades dos meninos e das meninas dessa faixa etária quanto aos seus modos de ser, de se relacionar, de criar, de se expressar – que podem ser manifestados pela oralidade, pelos gestos, pelo faz de conta, pelos desenhos, pela modelagem, pelas construções ou, ainda, pelo choro, silêncio, utilização do corpo e pelas transgressões (SILVEIRA, 2005), os procedimentos se revelaram importantes meios de perceber as crianças na escola e de permitir seu protagonismo na produção de sentidos sobre aquele local.

Partimos do pressuposto de que todas as crianças falam de alguma maneira, mesmo quando estão em silêncio (DEMARTINI, 2011) e, por esse motivo, optamos, para o registro dos dados, pelo caderno de campo e também pela gravação em áudio e filmagem em vídeo, além das imagens fotográficas. Consideramos que, diante das formas diversas de as crianças se expressarem, a diversificação dos instrumentos para o registro poderia ser positiva, afinal, “Há consenso nos trabalhos examinados de que, em pesquisas com crianças, é necessário lidar com mais de um procedimento metodológico para compreender o fenômeno que se quer estudar” (MARTINS FILHO, 2011, p. 96).

Enquanto a gravação em áudio e vídeo capta o movimento, aquilo que não é perceptível à primeira vista, as fotografias podem nos auxiliar para atentarmos para aquilo que não é nítido em um primeiro olhar, para o inusitado e não aparente. Ambas as formas de registro permitem, ao(à) pesquisador(a), retornar várias vezes ao mesmo episódio ou imagem, possibilitando o aperfeiçoamento da observação (GOBBI, 2011).

É importante destacar que, quando se trata da observação participativa (GANDINI, L.; GOLDHABER, 2002; BARROS, 2014) na pesquisa com crianças, cabe aos(às) pesquisadores(as) se posicionarem como participantes das atividades que elas realizam no contexto escolar. Isso possibilita observá-las e ouvi-las mais atenta e detalhadamente, questioná-las, propor algo durante as atividades que realizam ou, ainda, sugerir outras atividades, favorecendo a proximidade entre os diferentes sujeitos do processo. Logo, o acesso ao que e como pensam, fazem, sabem, falam e como vivem a(s) infância(s) na escola tende a ter maior profundidade.

É pertinente considerar, entretanto, que a observação mais distanciada dos sujeitos não está descartada na observação participativa. Entendemos, como Silveira (2005), que a alternância entre estar perto e estar longe pode oferecer detalhes sobre movimentos ou gestos das crianças a partir de diferentes ângulos, enriquecendo as informações.

Para subsidiar as entrevistas, buscamos auxílio em autores e autoras que se debruçaram sobre esta técnica de pesquisa com crianças, tais como Kramer (2002); Spinelli (2012), Silveira (2005) e Souza (2010).

Com base nessas contribuições, entendemos que, se o(a) pesquisador(a) pretende que a criança seja sujeito da pesquisa, é basilar proporcionar condições para que ela assuma esse posicionamento. Para tanto, além do consentimento dos(as) responsáveis para a participação das crianças na pesquisa – algo necessário conforme determinações legais –, é importante que estas sejam também consultadas sobre se desejam ou não participar (KRAMER, 2002), dando seu assentimento.

Isso significa, mesmo que a participação esteja salvaguardada pela autorização por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por um responsável legal, observar se o participante sente-se constrangido ou declina da participação de forma momentânea ou definitiva, ainda que não anuncie essa decisão de modo direto e objetivo, como pode ocorrer nas pesquisas com crianças. (COUTINHO, 2019, p. 63).

Adotamos esse procedimento tanto na observação participativa quanto na entrevista, de modo a seguir os trâmites éticos e legais de pesquisas que envolvem crianças pequenas. Em todo momento da pesquisa, os apontamentos das crianças eram considerados, a fim de detectar, caso acontecesse, a vontade/necessidade de alguma criança declinar da pesquisa.

Criar um vínculo com as crianças é fundamental para que as entrevistas com crianças

pequenas possam revelar, de fato, aquilo que pensam e como se sentem em relação à escola (SPINELLI, 2012). Sob esse ponto de vista, Silveira (2005) recomenda que a entrevista aconteça pelo menos após dois meses de observação participativa, em virtude das peculiaridades de relacionamento e expressão das crianças pequenas. No nosso caso, as entrevistas foram realizadas após quatro meses de observação participativa, justamente por conta da importância dada ao vínculo entre pesquisadores(as) e pesquisados(as).

Silveira (2005) também destaca que conviver com as crianças antes da entrevista pode ajudar o(a) pesquisador(a) a compreender informações, formas de expressão e ideias que, para alguém que não as conhece, poderiam parecer segmentadas ou desconexas. Para a autora, conhecer suas inquietações e situações alegres ou frustrantes pelas quais passam torna mais fácil entender por que muitas vezes não respondem àquilo que foi questionado ou fazem referência a outros momentos de sua vida, manifestando suas atuais vivências ou preocupações.

Quanto à organização das entrevistas, Silveira (2005) assegura ser mais produtivo realizá-las individualmente ou no máximo em duplas já que assim as crianças têm a possibilidade de se expressar mais livremente, tratando de um número maior de informações. Para a autora, quando estão em um grupo maior, distintamente, elas precisam aguardar sua vez de falar e, com isso, podem perder o entusiasmo para dizer o que pensam ou desejam expressar.

Campos, Coelho e Cruz (2006) assumem posição diferente. Ao utilizarem a técnica da entrevista com crianças em seus estudos, constataram que em um grupo maior elas se mostraram mais à vontade para falar e puderam participar mais livremente, complementando, concordando ou discordando da fala dos colegas. Tendo em vista os distintos posicionamentos das autoras com relação ao número de participantes em cada sessão de entrevistas, formamos grupos menores (compostos por duas crianças) e maiores (compostos por três crianças) além de fazermos, também, entrevista individual, para tirarmos nossas próprias conclusões. Assim, asseguramos um formato 'misto' de possibilidades de inserir as crianças na pesquisa realizada.

Nossa primeira entrevista aconteceu com um grupo composto por três crianças. Percebemos que, por vezes, uma criança queria falar o tempo todo, deixando pouco espaço para as outras. Sabemos que isso acontece nos grupos de crianças, necessitando da intervenção do(a) professor(a) para dar a oportunidade para todos, especialmente porque nem sempre têm a chance de se expressar no grupo. No entanto, na entrevista, essa situação requeria repetir a mesma pergunta algumas vezes, interferindo no encadeamento das respostas entre as crianças.

Por isso, realizamos as entrevistas seguintes com uma ou duas crianças em cada sessão. Consideramos que, com essa alteração, a entrevista fluiu melhor. Assim, avaliamos que, no caso da nossa entrevista, a melhor opção foi a de realizá-la individualmente ou com, no máximo, duas crianças, o que nos permitiu ouvi-las e interagir melhor com elas.

Esse fato demonstra que não existe uma "receita", um passo-a-passo ou uma única maneira de fazer pesquisa com crianças, dado que são sujeitos com especificidades tanto etárias quanto históricas. É fundamental, pois, que durante o processo, o(a) pesquisador(a) esteja muito atento(a) às crianças, a fim de alterar ou substituir os mecanismos de sua participação, caso necessário.

Enfatizamos que esse novo olhar à participação infantil nas pesquisas busca consolidar "[...] uma visão da criança como cidadã, sujeito criativo, indivíduo social, produtora da cultura e da história, ao mesmo tempo que é produzida na história e na cultura que lhe são contemporâneas" (KRAMER, 2002, p. 43). Assim, destacamos que

[...] partilhar o cotidiano do trabalho de pesquisa com novas formas de ser e sentir o mundo de meninos e meninas enriquece o processo de produção do conhecimento, tornando-o, por sua vez, mais lúdico e prazeroso, além de vislumbrar uma maneira de o adulto encontrar-se na criança e ser encontrado por ela. (CUNHA; GOMES, 2010, p. 69).

Logo, realizar pesquisas com crianças – tornando-as protagonistas – representa uma forma de potencializar a compreensão da realidade em que elas estão envolvidas, sobretudo, a partir da sua visão, que se diferencia tanto por conta de suas características etárias, como também por sua condição de participante de um contexto sócio-histórico-cultural específico. Assim, torna-se fundamental “dar voz” aos(às) pequenos(as), a fim de que a relação entre adulto(a)-pesquisador(a) e criança(s)-sujeito(s) possa contribuir de fato para o processo de construção de conhecimento sobre a(s) infância(s) a partir de distintas perspectivas.

Partindo desse cenário teórico, a seguir, daremos ênfase à pesquisa de campo que foi realizada, refletindo sobre sua potência para pensar a respeito das especificidades das pesquisas com crianças.

A entrevista com as crianças

Para a pesquisa com as crianças, optamos por uma turma de pré-escola do primeiro período. Para a escolha da turma, dois aspectos foram considerados: 1) o fato de ser a única com crianças de quatro anos de idade; 2) o fato de as características da observação participativa não permitirem que nos concentrássemos em mais de uma turma, dadas as limitações de tempo para a pesquisa e a busca de proximidade efetiva com os sujeitos. Não tínhamos critérios previamente definidos para a escolha de uma entre as duas turmas formadas por crianças de cinco anos de idade na escola e a conjunção desses fatores nos conduziu à seleção da turma de crianças de quatro anos de idade.

O início do trabalho de campo se deu por meio da consulta da ficha de matrícula das crianças a fim de obter informações sobre elas e suas famílias. Concordamos com Demartini (2011, p. 16) quando afirma que “[...] é preciso desvendar a história de cada criança, do grupo ao qual pertence e dos grupos aos quais está ligada no momento da pesquisa para explorar a complexidade de suas vivências.” As recomendações de Silva, Barbosa e Kramer (2008, p. 93) seguem na mesma direção quando ressaltam que a

[...] a classe social, os indicadores socioeconômicos, a inserção e as práticas sociais e culturais oferecem o material concreto em que as relações vão sendo estabelecidas e em que são tecidas as histórias; por causa disso precisam ser conhecidos, descritos, considerados.

Nesse sentido, entendemos que conhecer um pouco da história das crianças permite que a pesquisa com esses sujeitos possibilite compreender os múltiplos determinantes que se movimentam na construção do ser criança em um dado tempo e espaço. Considerar as especificidades do grupo social a que pertencem meninos e meninas, as características de sua estada na escola, suas relações, conflitos e protagonismos, permite perceber a concreticidade de suas vivências, que interferem diretamente sobre a forma como constroem, progressivamente, sua percepção de si mesmos(as) como crianças, como integrantes da escola, como filhos(as), como sujeitos sociais.

A turma era formada por vinte crianças-sujeito da pesquisa, sendo doze meninas e oito meninos, em sua maioria naturais de Manaus/AM. Somente algumas provinham de outros municípios amazonenses e de outros Estados da região norte do Brasil.

Um dado que nos chamou a atenção foi o fato de que quase todas as crianças moravam longe da escola. Deslocavam-se da residência para a escola e vice-versa pelo transporte escolar da prefeitura de Manaus/AM, junto com os colegas das outras turmas da pré-escola e do Ensino Fundamental.

Em relação aos seus lares, destacamos que algumas moravam com o pai e a mãe, outras somente com a mãe. Não foi possível identificar se alguma morava sob responsabilidade de outro adulto (algum outro parente ou responsável).

A atividade profissional dos responsáveis era diversificada. Alguns trabalhavam como empilhadores, ajudantes de pedreiro, técnicos em manutenção, motoristas, metalúrgicos e mecânicos. Outros declararam ser autônomos. As mães, em sua maioria, apareciam nas fichas de matrícula como sendo “Do lar”. A quase totalidade fazia parte do Programa Bolsa Família.

Com isso, é possível enfatizar que meninos e meninas sujeitos dessa pesquisa pertenciam à classe social e econômica de baixa renda, o que, conforme já discutimos, pode ser um elemento de aprofundamento de sua vulnerabilidade em relação à pesquisa. Isso demandou maior cuidado e atenção de nossa parte.

Nosso primeiro contato com as crianças aconteceu no início do mês de julho do ano de 2014, quando as atividades com as turmas da pré-escola reiniciaram, após dois meses de interrupção por conta da interdição das salas de aula da instituição.

Nos dias de observação participativa, que se estenderam por cinco meses (agosto a dezembro de 2014) com a turma do primeiro período, chegávamos à escola sempre por volta de 7h20, horário em que a maioria das crianças também chegava de ônibus. Após alguns minutos, nos dirigíamos à sala onde já se encontravam algumas crianças. Elas conversavam sobre diversos assuntos conosco e com colegas, contavam novidades, mostravam algum objeto que traziam de suas casas. Isso, geralmente, durava cerca de quinze minutos até a chegada da professora à sala.

A professora costumava iniciar seu trabalho com as crianças com identificação do dia da semana, do mês, do ano, nome do município, condições do tempo (sol, chuva, nublado), quantidade de crianças (meninos e meninas) e nome das crianças presentes, revelando uma prática ainda bastante comum na primeira etapa da Educação Básica, embora distanciada do que preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), segundo as quais as crianças devem ser sujeitos de seus processos de aprendizagem e desenvolvimento, vivenciando experiências diversificadas que as valorizem em sua singularidade e promovam seu desenvolvimento integral. Práticas como a roda de conversa, em que as crianças podem socializar fatos, impressões, ideias, desenvolvendo sua interação e linguagem e se posicionando como sujeitos, não faziam parte da rotina.

Em seguida, a professora solicitava que as crianças fizessem fila para irem ao banheiro e beber água. Ao retornar à sala, frequentemente, distribuía uma folha xerocopiada com letras e números e um pote com lápis preto e giz de cera, e orientava as crianças a cobrir, repetir a letra ou número em linhas, pintar ou colar com bolinhas de papel crepom ou outro papel. Outras vezes, essa tarefa era realizada no caderno de desenho ou no caderno com linhas que as crianças traziam diariamente em suas mochilas.

A tarefa com letras ou números geralmente ocupava o maior tempo das crianças, em torno de noventa minutos. Na primeira hora as crianças, em geral, faziam o que lhes tinha sido solicitado. Depois, muitas demonstravam inquietação e aborrecimento. Em alguns momentos a professora demonstrava insatisfação e cansaço. A ausência de uma atividade com significado tanto para a professora quanto para as crianças tornava a rotina repetitiva e sem sentido, sem contribuir para que efetivamente se apropriassem da escrita (MORAES, 2015).

Nas primeiras semanas de observação a ênfase maior do trabalho pedagógico desenvolvido estava, portanto, nas tarefas perceptivo-motoras, sobretudo o treino de letras e números que, depois de alguns dias, foram acrescidas pela cópia do nome completo pela criança. À medida que as crianças terminavam a tarefa, recebiam, por vezes, uma pequena porção de massa de modelar. Outras atividades eram realizadas com menos frequência, como leitura de histórias e brincadeiras. Raramente, a professora realizava alguma atividade com as crianças na área externa da sala e da escola. Os direitos de brincar, interagir e ter contato com a natureza eram, assim, negados às crianças. Suas vozes eram silenciadas por relações de poder que as subjugavam. Como contribuir para que assumissem uma postura diversa na pesquisa? Essa era uma questão que nos preocupava.

Por isso, as observações realizadas no primeiro mês causaram-nos intensa inquietude. O trabalho educativo da professora pouco contribuía para apropriação de conhecimentos presentes no patrimônio cultural da humanidade, indispensáveis para a formação humanizadora das crianças, não permitindo que elas se expressassem em sua singularidade. Em geral caracterizado pelo imprevisto e pragmatismo, o trabalho educativo girava predominantemente em torno da cotidianidade, do senso comum (MELLO, 2000).

Na observação participativa, passamos a atuar mais intensamente com as professoras da pré-escola, fomentando a possibilidade de realizar mudanças no trabalho pedagógico e nas

relações adultos(as)-crianças. Para isso, disponibilizamos à professora textos para leitura e debate, nos encontros formativos que faziam parte da pesquisa e para a elaboração e desenvolvimento de um plano de trabalho com literatura infantil, envolvendo os(as) responsáveis pelas crianças. Passamos a realizar algumas atividades com as crianças, diariamente, como leituras de histórias; desenho; socialização de conhecimentos científicos sobre sapos, aranhas, boto e pássaro (temas que emergiram durante a observação participativa); músicas; participação nas brincadeiras com massa de modelar, tangram, brinquedos e material de sucata; cantigas de roda; passar anel, brincadeira de morto vivo, estátua etc. Algumas dessas atividades passaram a ser um pouco mais frequentes na prática pedagógica na turma investigada a partir de nossa intervenção, da solicitação das crianças e, em certa medida, sob nosso ponto de vista, por efeito dos textos disponibilizados à professora.

Nas atividades que realizamos com as crianças, buscamos sempre nos ater ao que indica Cohn (2005, p. 45) quando aponta que é preciso “[...] lembrar desde a realização da pesquisa (e não apenas na análise dos dados) que a criança é um sujeito social pleno e, como tal deve ser considerado e tratado”. Assim, consideramos, a todo momento, a criança como sujeito-foco, produtor de percepções sobre si.

Após quatro meses de observação participativa, realizamos as entrevistas com as crianças, buscando ouvi-las em relação aos sentidos que atribuíam ao contexto escolar e às atividades de seu cotidiano. Organizamos um lugar em uma sala inutilizada da escola, formando um semicírculo com cadeiras iguais àquelas das salas da pré-escola e, em uma das cadeiras, colocamos um boneco de pano de cerca de 10 cm de altura. Na frente do boneco estava escrita a palavra “Príncipe”.

Providenciamos esse boneco por ter relação com a história do sapo que vira príncipe. Lemos essa história durante a observação participativa. A utilização do boneco nas entrevistas com as crianças teve o intuito de proporcionar meios para que as crianças vivenciassem um momento mais compatível com sua faixa etária, em que o brincar de faz-de-conta se apresenta como a atividade principal, ou aquela que mais desenvolve a criança pré-escolar em suas capacidades e personalidade, segundo Vigotski (2008), Leontiev (2014) e Elkonin (1987). Desejávamos que se sentissem envolvidas pela atividade da entrevista e, por entendermos que esse objeto as estimularia a pensar e se expressar sobre questões relacionadas à escola que frequentavam, ele foi por nós utilizado, a exemplo da pesquisa desenvolvida por Passeggi et al. (2014).

Como destacamos, anteriormente, antes das entrevistas perguntamos às crianças se aceitavam participar, procedimento que adotamos com as quatorze crianças entrevistadas e todas nos deram seu aceite. É importante mencionar que tínhamos a autorização para fazer a investigação com dezoito crianças, mas quatro faltaram durante os dias das entrevistas por motivo de doença ou de viagem.

Para introduzir a entrevista, contamos a história do Tônio, o príncipe. Tônio é um personagem sugerido pelas crianças na história criada por elas com a participação da professora da turma, após a realização de atividades (leitura de histórias e música, cantos, dobradura, apresentação em slides sobre características físicas e alimentares, reprodução, habitat etc.) sobre sapos, em dias alternados de nossa observação participativa. Participamos na formulação e realização de algumas dessas atividades. Assim, criamos (pesquisadora) outra história com um personagem já conhecido pelas crianças para introduzir as entrevistas.

Após ler a história para as crianças, nas sessões de entrevistas, apresentamos o boneco a elas (havíamos escondido o boneco na sala com um lençol), deixamos que o manipulassem e fizessem perguntas sobre ele, que foram por nós respondidas. Depois, sugerimos que o sentassem em uma das cadeiras. Algumas aceitaram nossa sugestão e outras preferiram segurá-lo no colo, com o que concordamos. Foi possível constatar que o boneco deixou o lugar da entrevista mais acolhedor e envolvente para as crianças.

Neste contexto, fizemos as entrevistas guiadas por um roteiro de perguntas que elaboramos com base na observação participativa realizada. Fizemos as perguntas relacionadas à escola Esperança¹ às crianças, logo após a leitura da história “Tônio, o príncipe”.

1 Nome fictício da instituição.

O lugar que organizamos para fazer a entrevista ficava em uma sala que não era frequentada pelas crianças. Na sala havia algum mobiliário e materiais: armários, caixas com livros didáticos, cadeiras e mesas, entre outros. Percebemos que isso chamou a atenção do primeiro grupo de crianças. Por conseguinte, durante a entrevista, faziam perguntas para saber o que havia nos armários e nas caixas, o motivo de muitas cadeiras e mesas estarem na sala etc. Procuramos responder as perguntas que faziam e depois retomar as perguntas da entrevista. Com isso, surgiram momentos de dispersão. Assim, antes de iniciar as próximas entrevistas, fazíamos primeiro a apresentação da sala.

Nas entrevistas seguintes, as perguntas foram mais bem exploradas em virtude da redução do número de crianças em cada sessão (uma ou duas crianças) e da apresentação do espaço da sala antes de iniciar a entrevista propriamente dita. Entendemos que essas alterações foram importantes e são representativas da necessidade de metarreflexão pelo(a) pesquisador(a) e de adequação do que é previsto na pesquisa, de acordo com as respostas e necessidades reveladas pelos sujeitos. Cada sessão durou em torno de trinta minutos, com cerca de dez minutos para apresentação do espaço físico, cinco minutos para a leitura da história e quinze minutos para a apresentação e manuseio do boneco, seguidos das perguntas e respostas das crianças.

Das quatorze crianças entrevistadas, quatro manifestaram o desejo de serem entrevistadas novamente em outros dias, possivelmente, motivadas pela história e/ou manuseio do boneco. Explicamos a elas a nossa pretensão de dar oportunidade para outros meninos e meninas. Uma menina que tinha sido entrevistada no dia anterior, se ofereceu para ajudar arrumar a sala da entrevista. Aceitamos sua ajuda. Sua atenção voltou-se, principalmente, para arrumar o lugar do boneco. Quando acabamos de arrumar, ela tomou a iniciativa e disse: "Agora vou chamar os colegas". Voltou para a sala e pediu para a professora encaminhar colegas para a entrevista. Isso nos levou a inferir que as crianças se sentiram à vontade em participar das entrevistas, conforme era nossa intenção e que sua postura se modifica quando oportunidades de atividades significativas lhes são dispostas.

As entrevistas foram gravadas em vídeo por dois alunos adolescentes (somente um em cada sessão) que participavam do programa "Mais Educação", no turno matutino. Optamos por solicitar a ajuda desses alunos por serem conhecidos pelas crianças, o que evitaria possíveis reações de estranheza. Ao entrarem na sala da entrevista, explicávamos a razão da presença do aluno adolescente neste local. Não percebemos nenhuma reação de resistência por parte das crianças com a sua presença.

Ao todo realizamos seis sessões de entrevistas em três dias alternados: 17, 18 e 19 de novembro de 2014. Em nenhuma destas sessões percebemos algum constrangimento ou insegurança por parte das crianças por ficarem a sós conosco. Isso se deveu, em grande medida, a nosso ver, à relação de proximidade criada no processo da observação participativa, pela preparação do lugar da entrevista e pela postura de escuta e respeito que assumimos. Falar sobre o cotidiano da escola em que nos encontrávamos diariamente pareceu natural a elas, o que permitiu que se expressassem sem constrangimentos.

Após concluir a etapa das entrevistas, continuamos com mais duas semanas de observação participativa. O boneco foi conosco para a sala das crianças e passou a ser integrado a suas brincadeiras na escola, o que gerou disputa entre elas. Tivemos que intervir e estabelecemos (pesquisadora e crianças) combinados para socializar a utilização do boneco. Percebemos que algumas crianças o tratavam como um membro a mais na turma, se dirigindo a ele em suas conversas e isso confirmou, para nós, a pertinência de sua utilização como elemento mediador para as entrevistas.

Fizemos, posteriormente, a transcrição das falas das crianças. Selecionamos algumas das falas que possuem, em nosso entender, maior relação com o trabalho educativo para compor nossas análises em conjunto com os dados gerados a partir de outros procedimentos que tinham a professora como sujeito.

Destacamos, especificamente, que a análise microgenética (GOES, 2000) das falas das crianças e dos indícios não-verbais presentes em suas ações, posturas corporais, movimentos e expressões, desejos e transgressões, observados tanto nos momentos de entrevista quanto na observação participativa, foi realizada com base no referencial histórico-cultural. Os registros

no caderno de campo foram fundamentais para que os enunciados produzidos por elas pudessem ser cotejados com episódios vividos no cotidiano e com o que nos foi possível apreender a respeito de suas condições de vida e de educação. Falas, excertos de gravações em áudio e vídeo e fotografias sob análise compuseram as peças que nos permitiram conhecer mais detidamente quem eram esses sujeitos, o que sentiam, como se relacionavam com a escola.

Buscamos, pois, focalizar os sentidos atribuídos pelas crianças às suas vivências na pré-escola, expressos sob diferentes formas ao longo do tempo em que permanecemos com elas participando de seu cotidiano, ora notando-os, ora intervindo respeitosamente em seu movimento constitutivo. Na interação com as crianças, buscávamos dialogar com elas sempre de forma muito respeitosa ao seu protagonismo. Compreendemos que os sentidos que se apresentam nas falas e nas posturas das crianças pequenas são formações complexas e dinâmicas (FREITAS, 2009), que se desvelam pouco a pouco, à medida que as conhecemos mais profundamente e que aprendemos a acolher todas as suas manifestações como importantes indícios do modo como se relacionam com o mundo e com a escola. Cada excerto de suas falas e de suas imagens foi objeto de nossa atenção para que os sentidos atribuídos pelas crianças não fossem obscurecidos por nossa visão adulta.

Como temos discutido ao longo deste trabalho, a ação de “dar voz às crianças” é essencial para a pesquisa com crianças. De acordo com Reis (2002, p. 115), é preciso

[...] sensibilizar a comunidade acadêmica para o fato de que devemos tirá-las do silêncio, para então construirmos novos referenciais teóricos a partir de um universo de informantes diferentes do habitualmente encontrado pelas ciências sociais.

A autora corrobora, assim, a necessidade de ouvir as crianças, quebrando com a prática comum de deixá-las em silêncio, como se suas vozes não tivessem importância para o universo dos(as) adultos(as), que muitas vezes manifestam um conceito de criança como alguém que ainda não é e que, portanto, nada tem a dizer. Essa quebra do silêncio se torna “carta” fundamental para constituir os estudos com as crianças, considerando sua condição de sujeitos que, ao se apropriar dos elementos culturais, ao participar das relações, também interferem ativamente sobre a sua produção.

Trazemos aqui um excerto de uma das entrevistas realizadas com as crianças durante a pesquisa:

Pesquisadora: Vocês lembram do sapo Tônio?

Roberto: Eu lembro.

Pesquisadora: O que você lembra dele?

Roberto: O sapo Tônio come um monte de carapanã² e mosca.

Maria: Ele come inseto da malária e da dengue.

Pesquisadora: Onde o sapo vive?

Roberto: Ele vive no canto dele.

Pesquisadora: Onde é o canto dele?

Roberto: O canto dele é na água.

[...]

Pesquisadora: Eu quero contar uma novidade para vocês. Sabem o que aconteceu? O sapo Tônio virou príncipe Tônio. Ele virou um menino.

Roberto: Ele se transformou num menino, né!

2 Trata-se de mosquito sugador de sangue.

Pesquisadora: Ele nunca veio pra escola, sabiam?

Roberto: Ele não gosta não, né?

Pesquisadora: Não sei! Ele não conhece a escola!

Roberto: Ah! É porque animais não estudam.

Pesquisadora: É. Animais não estudam! Ele nunca foi à escola e queria muito que vocês falassem sobre a escola. Contem pra ele, por que vocês vêm pra escola?

Maria: Pra estudar.

Roberto: Pra fazer tarefa.

Pesquisadora: Que tarefa?

Roberto: Copiar e pintar.

[...]

Pesquisadora: Se vocês fossem professores do príncipe, o que vocês iriam pedir pra ele fazer aqui na escola?

Maria: Contar história.

Roberto: Ele se transformou em gente, né!

Pesquisadora: Ele era sapo Tônio e se transformou no príncipe Tônio. Agora ele é um menino.

Roberto: Ele gosta de brincar com a gente, né!

Pesquisadora: Penso que sim. Vocês iriam brincar com ele?

[Roberto e Maria balançam a cabeça afirmativamente].

Roberto: Ele não consegue pintar, né!

Pesquisadora: Por que ele não consegue pintar?

Roberto: Porque ele era animais.

Pesquisadora: Mas agora ele se transformou num príncipe!

Roberto: Agora ele consegue pintar, né!

Pesquisadora: É. Agora ele pode aprender!³

Como é possível perceber, nas falas das crianças, sua relação com o contexto escolar é marcada por uma postura de submissão, por um entendimento de que sua estada nesse *lócus* se limita a obedecer às imposições das pessoas adultas. Sem oportunidade de viver suas infâncias com liberdade, com poder de escolha e participação, dadas as condições de classe que são, por si mesmas, excludentes de oportunidades de desenvolvimento das máximas possibilidades humanas, consideradas as privações que a pobreza lhes acarreta, não têm na escola um espaço de ampliação de suas possibilidades.

As falas também nos revelam, contraditoriamente, que se essas oportunidades lhes forem disponibilizadas, sua relação com o mundo e com as pessoas pode ser outra, mais ativa e participativa. É fato que os conhecimentos revelados em suas falas sobre os sapos demonstram que quando as crianças participam de processos em que assumem a condição de sujeitos que perguntam, que pesquisam, que elaboram hipóteses, sua relação com o mundo que as cerca se torna muito mais enriquecida.

E isso traz elementos para retomarmos nossas reflexões sobre a pesquisa com crianças. Cabe-nos, como pesquisadores e pesquisadoras, dar espaço para que as crianças ocupem novos lugares nas relações com os(as) adultos(as). Por isso, pesquisar a Educação das crianças envolve, necessariamente, uma postura de respeito a sua dignidade como seres humanos. Dar-

3 Sessão de entrevista em: 18 nov. 2014. Registro em vídeo.

-lhes direito à voz e à participação é um modo de marcar posição em relação ao compromisso com o desenvolvimento humano que acontece, também, por intermédio da pesquisa. Disso decorre a necessidade de que nossos procedimentos sejam pensados à luz de uma postura política e epistemológica definida e de que nossos resultados sejam devolvidos à comunidade, perfazendo uma ética que se inicia com a definição do objeto da pesquisa e que deve nos acompanhar até a socialização dos resultados.

Aplicando os conceitos bakhtinianos de *excedente da visão* e *exotopia* às nossas considerações, podemos ponderar que o pesquisador tem a possibilidade de enxergar, no campo e nos sujeitos da pesquisa, algo a mais que eles, pela sua posição exterior, exotópica. [...] O excedente da visão é alcançado pela posição peculiar do pesquisador: de um lugar que é só seu, enxerga o que não é visto pelos sujeitos. [...] No entanto, a posição exotópica requer postura ética por parte do pesquisador, na relação eu/outro. É preciso colocar-se no lugar do outro a partir de seu sistema de valores, o que representa um desafio. Como formar uma imagem do outro, sem, de antemão, impregnar-lhe com meus próprios valores e visão de mundo? Essa postura exige compreensão da visão do outro como alguém que difere de mim, para depois voltar à minha posição, de posse daquilo que dele abstraí e não lhe era conhecido. (NOGUEIRA, 2015, p. 67).

Assumir que nossa posição exotópica (BAKHTIN, 2010) como pesquisadores(as), que gera um excedente de visão em relação aos sujeitos, significa lutarmos pela visibilidade daqueles com quem atuamos, sem sobrepor nossas interpretações a suas necessidades, é um grande desafio, potencializado quando se trata de pesquisas com crianças. Nossa exotopia não pode ser sinônimo de neutralidade. Nosso excedente de visão não pode significar a limitação das visões dos sujeitos crianças ao nosso ponto de vista.

Algumas considerações

A partir do que foi exposto, é possível considerar que a pesquisa com crianças pequenas deve levar em conta as especificidades dessas pessoas, que a despeito da pouca idade, são sujeitos históricos. Disso decorre a necessidade de que sejam protagonistas dos processos dos quais tomam parte e, nesta reflexão, especialmente, da pesquisa. As peculiaridades infantis, que podem contribuir para compreendermos ainda mais esse universo tão plural, se revelam necessariamente com seu protagonismo.

É fundamental destacar que as crianças são indivíduos, ao mesmo tempo, produtores e produtos das relações sociais que as singularizam. Isso precisa ser evidenciado nas pesquisas, superando a perspectiva desenvolvimentista, que, muitas vezes, manifesta uma ideia única e fixa de criança e de infância, apresentando-as estáticas e padronizadas.

Nessa seara, entendemos que, para compreender contextos escolares de crianças em sua multidimensionalidade, é premente que meninos e meninas possam manifestar seus pontos de vista como sujeitos do processo educativo. É isso o que confere coerência entre os procedimentos e técnicas de produção de dados das pesquisas e os princípios epistemológicos e ético-políticos que consideram as crianças em sua alteridade e dignidade humana.

O manuscrito, em síntese, busca refletir sobre a pesquisa com crianças como instrumento que nos possibilita perceber que as crianças vivem diferentemente as suas infâncias, justamente por serem seres sociais, políticos, culturais. Busca, sobretudo, posicionar pesquisadores(as) a seu lado na luta por seus direitos, rompendo com o olhar adultocêntrico sobre as crianças, de modo a considerá-las na construção de conhecimentos sobre si mesmas.

Vale, pois, refletir que se as infâncias são diretamente influenciadas por uma série de instituições (escola, igreja, famílias etc.), seus conceitos e valores que, muitas vezes, minimizam a importância dos sujeitos-crianças, é preciso que os(as) pesquisadores(as) tenham consciência da complexidade da tarefa que assumem ao buscar enaltecer a construção do conhecimento

sobre as infâncias a partir da percepção infantil. Muitas crianças, ainda, vivem e convivem em ambientes que as posicionam como submissas, a exemplo da instituição por nós pesquisada. Quebrar com essa realidade é uma tarefa difícil, porém urgente e necessária.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. Para uma filosofia do ato responsável. In: _____. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 41-144.

BARROS, Flávia Cristina Oliveira Murbach de. **Práticas pedagógicas na educação infantil: a construção do sentido da escola para as crianças**. 2014. 166f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2014.

BOTH, Ilaine Inês. **Esvaziamento do trabalho educativo na pré-escola, suas causas e implicações na formação das crianças**: investigação em uma unidade escolar pública municipal em Manaus. 2016. 325f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 35-51.

CAMPOS, Maria Malta; COELHO, Rita de Cássia; CRUZ, Sílvia Helena Vieira. **Consulta sobre qualidade da educação infantil**: relatório técnico final. São Paulo: FCC/DPE, 2006.

COHN, Clarice. Metodologias e técnicas de pesquisa. In: _____. **Antropologia da Criança**. São Paulo: Jorge Zahar, 2005. p. 45-48.

COUTINHO, Ângela Scalabrini. Consentimento e assentimento. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. **Ética e pesquisa em Educação**: subsídios. Rio de Janeiro: ANPED, 2019. p. 63-66.

CRUZ, Sílvia Helena Vieira. Apresentação. In: _____. (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 11-31.

CRUZ, Sílvia Helena Vieira. Prefácio. Ouvir crianças: uma tarefa complexa e necessária. In: SOUZA, Marilene Proença Rebello de (Org.). **Ouvindo crianças na escola: abordagens e desafios metodológicos para a psicologia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 11-19.

CRUZ, Sílvia Helena Vieira. Questões éticas na pesquisa com crianças, adolescentes ou pessoas em situação de diminuição de capacidade de decisão. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. **Ética e pesquisa em Educação**: subsídios. Rio de Janeiro: ANPED, 2019. p. 47-52.

CUNHA, Beatriz Belluzzo Brando; GOMES, Renata Fernanda Fernandes. Cultura Infantil e Psicologia: contribuições da abordagem etnográfica para a pesquisa com crianças. In: SOUZA, Marilene Proença Rebello de (Org.). **Ouvindo Crianças na escola: abordagens qualitativas e desafios metodológicos para a psicologia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 51-72.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Diferentes infâncias, diferentes questões para a pesquisa. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. 11-26.

ELKONIN, Daniil B. Problemas psicológicos do jogo na idade pré-escolar. In: DAVÍDOV, Vasili, SHUARE, Marta (Orgs.). **La Psicología Evolutiva y Pedagógica em la URSS**. Moscou: Editorial Progreso, 1987. p. 83-103.

FREITAS, Maria Tereza Assunção. A pesquisa de abordagem histórico-cultural: um espaço educativo de constituição de sujeitos. **Revista Teias**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 1-12, 2009.

GANDINI, Lella; GOLDHABER, Jeanne. Duas reflexões sobre a documentação. In: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn. **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 150-169.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

GOBBI, Márcia Aparecida. Num click: meninos e meninas nas fotografias. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da Infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. 129-157.

GOES, Maria Cecília Rafael de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 20, n. 50, p. 9-25, abr., 2000.

JAMES, Allison. Dando voz às vozes das crianças: práticas e problemas, armadilhas e potenciais. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 21, n. 40, p. 219-248, set./dez., 2019.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.116, p. 41-49, jul., 2002.

KRAMER, Sonia; PENA, Alexandra. Vulnerabilidade e ética na pesquisa em educação. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. **Ética e pesquisa em Educação: subsídios**. Rio de Janeiro: ANPED, 2019. p. 72-76.

LEONTIEV, Alexis. O homem e a cultura. In: _____. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004. p. 277-302.

LEONTIEV, Alexis N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKII, Lev. S.; LURIA, Alexander R.; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2014. p. 119-142.

MARTINS FILHO, Altino José. Jeitos de ser criança: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na ANPED. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. 81-106.

MELLO, Suely Amaral. **Linguagem, consciência e alienação: o óbvio como obstáculo ao desenvolvimento da consciência crítica**. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2000.

MORAES, Aline Janell de Andrade Barroso. **A atividade pedagógica do professor e o processo de apropriação da linguagem escrita pela criança pré-escolar: um estudo a partir da abordagem histórico-cultural**. 2015. 241 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

NOGUEIRA, Arlene Araújo. **Interações e desenvolvimento da linguagem oral em crianças da creche: uma abordagem Histórico-Cultural**. 2016. 295f. Tese (Doutorado em Educação) - Uni-

versidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição; FURLANETTO; Ecleide Cunico; CONTI, Luciane de; CHAVES, Iduina Edite Mont' Alverne. Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 85-104, jan./abr., 2014.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

REIS, M. Ela ficava fazendo cerimônia!!! Entrevistando jovens, falando da infância... In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. p. 113-130.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Pesquisa Educacional: da consciência epistemológica ao compromisso ético. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. 3, p. 900-916, jul./set., 2019.

SILVA, Juliana Pereira da; BARBOSA, Sílvia Neli Falcão; KRAMER, Sonia. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 79-101.

SILVEIRA, Débora de Barros. **Falas e imagens: a escola de educação infantil na perspectiva das crianças**. 2005. 175f. Tese (Doutorado em Educação) - UFSCAR, São Carlos, 2005.

SPINELLI, Carolina Shimomura. **As metodologias de pesquisa com crianças na escola: o "ouvir" como uma tendência**. 2012. 335f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2012.

SOUZA, Marilene Proença Rebello de. A psicologia ouvindo crianças na escola: abordagens qualitativas e desafios metodológicos. In: SOUZA, Marilene Proença Rebello de (Org.). **Ouvindo crianças na escola: abordagens e desafios metodológicos para a psicologia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 7-10.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, Rio de Janeiro, UFRJ, n. 8, p. 23-36, abr. 2008.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Quarta aula: o problema do meio na pedologia. In: _____. **Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. Organização [e tradução] Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018. p. 73-92.

Recebido em 8 de dezembro de 2019.

Aceito em 15 de dezembro de 2020.